

LINGUAGEM, SUBLIMAÇÃO E GOZO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA ACERCA DE RECORTES DE OBRAS LITERÁRIAS.

LANGUAGE, SUBLIMATION AND ENJOYMENT: A THEORETICAL DISCUSSION THROUGH LITERARY WORKS EXCERPTS.

Madson Alexandre Alves da Silva ¹
Nathália Luiza Sales Parreiras de Rezende ²
Selenia Gomes Pena Leal ³

Resumo: Este artigo analisa teoricamente recortes de obras literárias à luz dos conceitos psicanalíticos de linguagem, sublimação e gozo na busca de relacionar as conexões desses conceitos das obras originais com os recortes das obras literárias escolhidas, seja por meio de referências diretas e indiretas ou das teorias e princípios essenciais para sua interpretação, desenvolvimento e construção. Nesse contexto, se faz importante apresentar como a literatura, de forma substancial, contribui para estruturar a psicanálise. É essa relação que nos leva a refletir e questionar: ao reagir de forma vital às experiências que lhe atravessam, na expressão pela via da escrita literária, o sujeito encontra sublimação ou gozo? Talvez encontre os dois.

Palavras-chave: Psicanálise. Linguagem. Literatura. Sublimação. Gozo.

Abstract: This article theoretically analyzes excerpts from literary works from the perspective of psychoanalytic concepts of language, sublimation and enjoyment in an attempt to relate the connections between these concepts from the original works and the excerpts from the chosen literary works, either through direct and indirect references or through the theories and principles that are essential for their interpretation, elaboration and construction. Therefore, it is important to present how literature substantially contributes to the structure of psychoanalysis. It is this relationship that leads us to reflect and question: by reacting in a vital way to their experiences, and expressing through literary writing, does the person find sublimation or enjoyment? Perhaps they find both.

Keywords: Psychoanalysis. Language. Literature. Sublimation. Enjoyment.

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Una Betim da rede Ânima Educação. E-mail: madsonalex2014@gmail.com.

² Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Una Betim da rede Ânima Educação. E-mail: rezendesnathalia@gmail.com.

³ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Una Betim da rede Ânima Educação. E-mail: selenagleal@gmail.com.

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Una Betim da rede Ânima Educação. 2023. Orientador Me: Alexandre Rocha Araújo.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma análise teórica de recortes de obras literárias à luz dos conceitos psicanalíticos de linguagem, sublimação e gozo, a partir dos quais indaga-se: há, na expressão da escrita artística, sublimação ou gozo?

Segundo Breuer e Freud (1893-1895 apud SAMPAIO, 2023, np), é possível encontrar através da linguagem “um substituto para o ato, substituto graças ao qual o afeto pode ser *ab-reagido* quase da mesma maneira”. Isso apoia o valor catártico da simbolização linguística, onde a palavra conhece e/ou reconhece um meio para expressar a dor que lhe é real.

Para Lacan (1998 apud MAY, 2011), a linguagem preexiste ao sujeito, ao seu nascimento e à sua constituição psíquica, sendo, portanto, constitutiva tanto do indivíduo, quanto da cultura. Ou seja, antes mesmo de que ele exista, essa linguagem já lhe atravessa com os signos, significados e significantes que lhe são apresentados, mas, nem sempre, reconhecidos.

A arte, como uma das diversas formas de linguagem, pode ser entendida, segundo Charczuk (2023, np), como uma “tradução de significados inconscientes e reprimidos que são sublimados no ato da criação” que acontece a partir do vazio e, portanto, da falta instaurada pelos embargos da própria linguagem.

A sublimação, um dos mecanismos de defesa, atua reorganizando pulsões inicialmente sexuais para destinos dessexualizados, socialmente valorizados e aceitos. Freud (1923), explicou que isso ocorre devido aos conflitos entre as pulsões de vida e de morte (*Eros e Thanatos*).

Nessa perspectiva, Lacan (1959-1960) avançou na construção desse conceito ao retomar questionamentos propostos anteriormente por Freud sobre a noção de *das Ding*⁴, estabelecendo que este é fundamental na constituição do aparelho psíquico, bem como na relação com o Outro (A). Em suma, já postulado em Freud, é de forma inconsciente que o indivíduo busca reduzir as tensões e excitações do aparelho psíquico, visando retornar ao inorgânico — ao não vivo, à não angústia, ao não sofrimento, portanto, à paz.

Entretanto, ao mesmo tempo que o sujeito busca a experiência de satisfação, ele recua, também inconscientemente, frente à essa pulsão que é mortífera, já que o gozo representa o

⁴ Segundo Lacan (1997 apud LUCERO, 2009, p. 277), *das Ding* “é o elemento que é originalmente isolado pelo sujeito em sua experiência do Outro. [...] Serve de referência para o desejo, na medida em que permite ao aparelho atentar para o mundo das percepções. *Das Ding* enquanto vazio, furo na subjetividade, funciona como índice de exterioridade. É algo interno à subjetividade que funciona como índice da realidade”.

fenecimento de qualquer tensão psíquica, logo, o inorgânico.

A psicanálise possibilita uma lente através da qual pode-se explorar a relação entre a linguagem e o expressar dos conflitos inconscientes nas linhas e entrelinhas das obras literárias, aqui discutidas teoricamente à luz dos conceitos supracitados.

2. METODOLOGIA

O presente artigo expõe uma discussão teórica à luz dos conceitos psicanalíticos: linguagem, sublimação e gozo, diante de recortes literários. O desenvolvimento consiste em uma pesquisa bibliográfica qualitativa que vem ao encontro das discussões e questionamentos aqui propostos, bem como um estudo das obras e escritos literários – “50 Sonetos”, de William Shakespeare; “A alegria na tristeza”, de Martha Medeiros; “Contos de fadas”, de Aleksandr Afanase *et al*; “Doeu”, de Nathália Rezende; “O barba-azul”, de Charles Perrault; “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo; “Perto do coração selvagem”, “Todos os contos” e “Um sopro de vida”, de Clarice Lispector; “Pensamento chão”, de Viviane Mosé; e “Quarentena poética: palavras que vacinam!”, de Aruane Reis *et al*.

A metodologia adotada envolveu, em primeiro momento, apresentar — sem esgotar seus recursos —, a relação da linguagem com a psicanálise, partindo de sua estruturação e os impactos que estabelece na subjetividade do sujeito. Em seguida, compreender a relação substancial da literatura com a psicanálise e destacar sua contribuição ao longo dos marcos que, por eleição dos autores, são de suma importância para compreensão do tema proposto.

A partir dessa apresentação inicial e dos diversos dados retirados de fontes bibliográficas e científicas, que focaram na análise e na articulação conceitual das obras de Freud e Lacan, propõe-se uma reflexão do tema frente aos conceitos de linguagem, sublimação e gozo no decorrer das seções. Para tal, foram consultadas obras originais e diversas outras fontes, incluindo dicionários especializados; revistas psicanalíticas; artigos e teses disponíveis em acervos acadêmicos, como Scielo, Pepsic e Google Acadêmico; além de recortes de obras literárias das autoras supracitadas.

Os conteúdos estudados e analisados buscam relacionar os recortes das obras literárias escolhidas com as teorias e princípios essenciais necessários para sua interpretação, desenvolvimento e construção, seja por meio de referências diretas ou indiretas.

3. LINGUAGEM EM PSICANÁLISE

A psicanálise constitui-se como um método de investigação do inconsciente, um tratamento e uma teoria desde sua estruturação por Freud e seus avanços em Lacan. Revela uma profunda relação com a linguagem que, para além de um signo (código) é uma maneira de representação dos processos psíquicos do inconsciente (FREUD, 1923).

Freud (1895), após pesquisar sobre histologia do sistema nervoso, buscou ampliar seus conhecimentos acerca do tema, indo de encontro a Charcot. Seu “interesse se direcionava mais às pesquisas anatômicas do sistema nervoso do que à clínica neurológica” (COSTA, 2015, p. 71), mas não se pode negar que esse encontro transformou e inspirou a forma como suas futuras pesquisas seriam construídas, apresentadas e fundamentadas.

No livro “Sobre a concepção das afasias”, Freud (1891 apud GARCIA-ROZA, 2014) introduziu a ideia da existência de um aparelho de linguagem, constituído de uma rede de associações, que ocorrem na relação da interação dos processos psíquicos com as diferentes partes do próprio aparelho de linguagem. Como exemplo, pode-se pensar no infante, que escuta o som da palavra, o traduz e esforça-se para reproduzi-lo tal como o escutou. Logo, a linguagem não é apenas o escutar e o dizer, mas, também a compreensão, tradução, repetição e a significação. Ela, portanto, não é apenas uma função isolada (COSTA, 2015).

Frente às novas hipóteses de entendimento do aparelho de linguagem, a noção de “representação” pensada por Freud (1891 apud SIMANKE, 2007) foi fundamental para a compreensão de que o indivíduo não registra o mundo precisamente conforme seus estímulos sensoriais, mas que estes, em diversas ordens, são atravessados e modificados pelo Outro.

Essa concepção sobre as inscrições psíquicas representadas no corpo do indivíduo relaciona-se com uma analogia feita por Freud (1891 apud COSTA, 2015, p. 78), ao dizer que “a periferia do corpo está no córtex da mesma maneira que um alfabeto está em um poema”. Em outras palavras: o córtex é responsável pela integração das informações sensoriais, portanto, é essencial para que o corpo responda fisiologicamente; tal como um poema é integrado pelas palavras — que são constituídas de letras, que compõe o alfabeto —, essenciais na construção que possibilita a comunicação dos significados.

Esse pensamento também foi apresentado em “A Interpretação dos Sonhos” (FREUD, 1900), onde afirmou que os sonhos eram mecanismos de defesa que representavam desejos e manifestações inconscientes que escapavam à censura do Eu. Para que se chegasse a uma compreensão desses desejos, seria necessário levar ao pé da letra o “código” ali expresso em imagens, descrevendo-o através de palavras. Embora a linguagem nunca tenha sido suficiente

para transcrever o fenômeno complexo do sonho, ela estrutura e traduz as ideias que ali se manifestam, sendo, portanto, essencial para significá-lo (MARTINS, 2009).

Em suma, os sonhos são como uma linguagem codificada por meio de manifestações de desejos latentes; e a interpretação dos sonhos seria como uma tradução desses códigos para compreensão dos desejos inconscientes.

O trabalho do sonho é arranjar as letras fazendo com que as imagens ingressem no regime de funcionamento das leis da escrita, logo legíveis. É assim que, se o sonho, como o sintoma, pode ser lido, é porque ele está inscrito em um processo de escrita. Como formações particulares do inconsciente, os sonhos não têm, previamente, uma significação, mas, como toda escrita, são passíveis de leituras (MARTINS, 2009, p. 32).

A partir disso, Freud (1900) estabeleceu dois mecanismos psíquicos fundamentais na construção do inconsciente e na formação de sintomas: a condensação e o deslocamento. A primeira corresponde à concepção de que os símbolos podem representar múltiplos significados subjacentes ao serem expressos; é uma analogia, um resumo das ideias que têm pontos em comum. Por exemplo: “um gato preto” pode condensar, no sonho, uma ideia de medo, superstição ou relacionamento com esse animal.

O deslocamento é obra da censura onde um elemento (latente) do sonho é substituído por um dos seus fragmentos constituintes. Existe um desejo oculto que tenta escapar das repressões do Supereu e que, no sonho, é deslocado para elementos menos óbvios. Há então, um afastamento e a transferência de uma ideia para outra completamente diferente e menos ameaçadora. Por exemplo: uma pessoa que está com problemas de comunicação com seu chefe que não escuta suas reclamações, pode sonhar que está no ambiente de trabalho e seu chefe é alguém afável e receptivo. Assim, o sonho permite o enfrentamento de emoções e ansiedades de forma simbólica, tornando a experiência onírica menos angustiante e ameaçadora para o Eu.

Lacan (1998) na apropriação desses mecanismos, fundamentou sua reestruturação através do suporte da linguística, estabelecendo e relacionando o conceito de condensação com metáfora e deslocamento com metonímia. Disse que a metáfora não é importante só para estruturar a linguagem, mas também o próprio inconsciente e que, nesse processo de associações entre palavras e significados, ocorre a substituição por outros significados e a expressão do desejo. Um exemplo ilustrativo dessa ocorrência pode ser observado quando um paciente diz “meu casamento é uma prisão”. A metáfora presente nessa narrativa reflete uma semelhança ou associação simbólica entre os dois significantes (casamento e prisão), aqui utilizados para expressar a sensação de aprisionamento experienciada no relacionamento.

Já na metonímia, um significado é substituído por outro que possua uma conexão ou proximidade de significação. Essa substituição ocorre na linguagem e nos processos mentais, refletindo o funcionamento do desejo e da falta. Exemplo: um paciente se refere a um copo com água como "preciso de um gole" durante uma sessão de análise. Nesse contexto, o "gole" é uma metonímia, pois está intimamente relacionado ao desejo de saciar a sede do paciente, que é representado por um significante que possui conexão com este.

Lacan (1998) diz de um complexo jogo de significações representados e aparentes no discurso do sujeito, cujo desejo inconsciente se manifesta na mudança que acontece de um significante para o outro na busca de acessar a consciência sem a repressão do Eu.

Esses mecanismos de defesa acontecem porque o inconsciente quer, a todo momento e a todo custo, satisfazer-se, mas é impedido pelas normas sociais, cultura, leis e limitações próprias do sujeito. O Supereu impede a realização dos desejos, tal qual sua manifestação. Logo, o Eu, numa tentativa de encontrar um equilíbrio, usa dos mecanismos de defesa para satisfazer-se se parcialmente, sem ser tolhido.

Ademais, compreendemos que a condensação e o deslocamento, a metáfora e a metonímia podem ser interpretadas como mecanismos de defesa que atuam na formação dos sintomas e, juntamente com a linguagem, na estruturação do inconsciente.

Considerando o que Freud elaborou nos estudos das afasias (1891) e interpretação dos sonhos (1900), estabeleceu-se um meio de leitura do inconsciente, juntamente com os mecanismos de defesa — que se codificam e se organizam para dar conta de expressar o que falta na própria linguagem, devido às suas interdições e frustrações que ocorrem pelo normativo social. Logo, é nos atos falhos, chistes, sintomas e no próprio sonho, que é possível o expressar do desejo que, distorcido inconscientemente na sua representação, visa proteger o sujeito do caráter ameaçador e até mesmo destrutivo de suas representações.

Tão semelhante é a conversão, apresentada por Freud (1893-1895) na histeria. O sujeito é atravessado pela linguagem, que estrutura e formula a expressão dos conflitos psíquicos através do corpo. O sintoma seria como a letra que, codificada, escaparia às censuras do Eu. A associação livre de ideias seria um meio possível para a ab-reação, através da “tradução” dessas esfinges.

Mesmo antes de começar a analisar a linguagem em sonhos, a interpretação dos sintomas já era uma perspectiva dentro da psicanálise. A exemplo disso, no trecho do caso de Elisabeth Von R. nos “Estudos Sobre a Histeria”, Freud (1893-1895) dizia que:

Como outros neuropatologistas, fui preparado para empregar diagnósticos locais e eletroprognósticos, e ainda me causa estranheza que os relatos de casos que escrevo pareçam contos [...]. A verdade é que o diagnóstico local e as reações elétricas não levam a parte alguma no estudo da histeria, ao passo que uma descrição pormenorizada dos processos mentais, como as que estamos acostumados a encontrar nas obras dos escritores imaginativos, me permite, com o emprego de algumas fórmulas psicológicas, obter pelo menos alguma espécie de compreensão sobre o curso dessa afecção (FREUD, 1996, p. 120).

Observa-se neste trecho, uma nova ótica na maneira como os sofrimentos psíquicos passaram a ser lidos, afinal, embarcar nos conceitos e representações científicas médicas para compreensão dos sintomas não se fazia suficiente. Envolvido pelas ideias que surgiam em seu contato com a literatura e com o cotidiano da clínica, Freud passou a questionar as manifestações dos sintomas, traçando um paralelo com as representações do imaginário daqueles que escrevem e descrevem fantasiosamente o que ali no ambiente hospitalar, ele via somatizado em forma de sofrimento.

Tal sofrimento também diz do impacto dos atravessamentos da linguagem no sujeito, que frente a essa tensão psíquica, inconscientemente, acaba por externalizar essa paixão (pathos) pela sublimação ou somatização, por exemplo. Freud, então, nos leva à seguinte percepção: é possível que haja uma semelhança entre a forma como o corpo manifesta os conflitos psíquicos e a forma como a linguagem se organiza nas suas representações.

Na perspectiva lacaniana, a linguagem é percebida como uma estrutura simbólica, que vai muito além das palavras, que não apenas comunica, mas constitui a subjetividade e preexiste ao sujeito, ao seu nascimento e à sua constituição psíquica. Ou seja, antes de um indivíduo nascer, já existe uma expectativa imposta por alguém (Outro) sobre como este será ou deverá ser, qual banheiro usar, como vestir-se, quais papéis sociais desempenhar etc.

Conforme apresenta May (2011), esse meio em que o sujeito deverá subjetivar-se e encontrar-se em sua própria existência é o que Lacan (1966) designou como Lugar do Outro, primordialmente ocupado pelos pais, que atribuem significados às necessidades expressas pelo filho que, no entanto, constituem-se dos próprios desejos.

Desde o primeiro momento, o sujeito começa a ser inscrito e a se inscrever através dessa identificação do/com o Outro, antes mesmo de fazer o uso da linguagem. Torna-se nesse processo, produto e produtor de signos, significados e significantes, podendo identificar-se ou chocar-se no/com resultado dessa relação.

Lacan (1961-1962) nomeou como Estádio do Espelho o momento em que ocorre o primeiro contato da criança com a própria imagem, marcando o início do desenvolvimento de uma identidade própria, mas que é e está intrinsecamente ligada às atribuições do outro, logo,

ao atravessamento da linguagem e às barreiras morais que instituem a falta e o vazio através da interdição do sujeito. A exemplo, a citação de Lispector (2015, p. 9) em “Um sopro de vida”, em que se observa a angústia que ocorre pelas interferências do Outro nos atravessamentos da linguagem: “Há tantos anos me perdi de vista que hesito em procurar me encontrar. Estou com medo de começar. Existir me dá às vezes tal taquicardia. Eu tenho tanto medo de ser eu. Sou tão perigoso. Me deram um nome e me alienaram de mim”.

No Estádio do Espelho ocorre um confronto entre aquilo que é apresentado ao sujeito e a sua imagem refletida, causando uma angústia frente à ilusão de totalidade, onde este percebe que nenhuma das apresentações do seu Eu, impostas pelo Outro, de fato corresponde à sua realidade complexa. Afinal, o que essa imagem reflete? O Eu ou o outro? (LACAN, 1998).

Da mesma forma, a angústia surge da consciência da incompletude da linguagem, que ao ser apresentada para o sujeito, lhe causa uma ilusão de que conseguirá, plenamente, expressar e partilhar aquilo que é inerente a sua experiência única e, portanto, subjetiva. Uma vez que existe na linguagem uma insuficiência de expressão verbal, este não consegue exprimir a totalidade daquilo que lhe permeia, tornando impossível nomear o que lhe ocorre. Isso cria um descompasso entre o que é dito e o que é sentido, levando a um estado de constante busca por significados e compreensão.

Considerando a angústia causada pela linguagem, como resultado da sua incapacidade de manifestar plenamente o que é subjetivo, pode-se encontrar uma alusão no dizer de Lispector (1980, p. 50) “Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”.

Embora a linguagem apresente códigos de amplas possibilidades, que atuam mediando a experiência humana, existem lacunas que ela não é capaz de preencher, tal como observado no trecho acima. E são as suas faltas, assim como as suas possibilidades, que permitem ao indivíduo atribuir sentido às suas experiências subjetivas. Lacan (1975 apud MAY, 2011, p. 265) dizia que o “Homem é enfermo pelo significante, e é pelos significantes, ou seja, pela palavra, que o sujeito pode chegar a ascender a uma verdade singular, intransferível, produto de seu percurso numa análise”

Em outras palavras, é por meio desse inconsciente estruturado como linguagem, que o desejo se manifesta em códigos e significantes através do sujeito, seja pela palavra ou por outros modos de representar o que atravessa esse complexo aparelho.

No seminário 11, em “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, apresentado por Lacan (1964), salienta-se uma ideia que revolucionou a compreensão do inconsciente anteriormente apresentada por Freud (1915). Diz haver duas inversões cruciais em relação à concepção freudiana do inconsciente: a primeira diz da ideia de que o inconsciente é

estruturado, ao invés de ser um lugar que contém coisas, relações e impulsos. Substitui a ideia de um local, para uma estrutura, ao ser inspirado pelo modelo saussuriano de um sistema linguístico, em que elementos básicos derivam de seus significados e das relações de equivalência e oposição entre si; a segunda inversão consiste na associação do inconsciente à linguagem. Embora não sejam equivalentes, para May (2011), o inconsciente é metaforicamente "estruturado como uma linguagem", compartilhando com ela, regras gerais (gramática) e específicas (sintaxe).

Essas mudanças revolucionaram a compreensão do inconsciente e sua relação com a linguagem, que é uma estrutura central na qual todos os seres humanos estão inseridos. O inconsciente é o principal domínio da comunicação, onde a expressão verbal não é arbitrária, mas sim guiada por uma estrutura que direciona a escolha de palavras e significados em meio a inúmeras opções. Em suma, o inconsciente é um produto da linguagem para Lacan, e as falhas na comunicação, conhecidas como "lapsos", revelam significados subjacentes, muitas vezes não intencionais. Você pode saber o que disse, mas nunca o que o outro escutou.

O entendimento e investigação dos complexos processos psíquicos, cruciais na psicanálise e na experiência humana, são viabilizados pela existência do aparelho psíquico. Conforme delineado pela teoria psicanalítica, esse aparelho é uma estrutura composta por diversos componentes da mente humana. Logo, é a existência e manifestação desse aparelho, que torna possível a sua investigação e compreensão.

3.1 Literatura em Psicanálise

Estabelecer a relação entre a literatura e a psicanálise é de suma importância para o desdobramento deste artigo, visto que, apesar de serem nichos distintos, partilham de um diálogo que possibilita compreensões da profundidade e complexidade do que é ser humano.

A literatura desde sempre foi utilizada para expressar, comunicar e manifestar sentimentos e afetos que tocam a experiência singular daquele que é afetado. Tal como os contos, romances, histórias de ficção e fantasia, que muitas vezes libertam as pessoas da crítica, censura e lógica que reprimem sua liberdade. É nesse contexto que a literatura e a psicanálise se encontram (ALVES, 2023).

Uma reflexão abordada por Sampaio (2023), estabelece que Freud (1893-1895), afirmou não ter descoberto o inconsciente, apenas o método científico pelo qual este pode ser estudado. Quem o fez foram os poetas e os filósofos, frutos da linguagem e atravessados por

ela, que, em suas manifestações artísticas, expressavam e representavam materiais inconscientes, embora nem sempre soubessem o rumo que isso tomaria. A exemplo disso:

Ele segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o célebre princípio de Itzig, o viajante dominical: “— Itzig, para onde você vai? — E eu sei? Pergunte ao cavalo.” Não iniciei um só parágrafo sabendo onde ele iria terminar. [...] Ainda não tenho a mínima ideia da forma que finalmente assumirá o conteúdo. (FREUD, 1898 apud MASSON, 1986, p. 320).

De acordo com Sampaio (2023), Rodrigues et al (2021) afirma que para Freud, a clínica psicanalítica tinha a literatura como uma fonte de possibilidades. Afinal, conforme observado por ele, tanto na clínica, quanto na arte, o inconsciente busca por códigos e figurações a fim de expressar-se, havendo semelhanças entre os relatos de pacientes e romances literários.

Nesse contexto, é viável interpretar a narrativa literária, bem como seu autor, sob uma ótica psicanalítica, uma vez que, como na análise, o autor coloca o seu interlocutor no divã, desencadeando um processo provocativo que o leva a explorar e questionar sua própria verdade, valores, sentimentos, razões, desrazões, afetos e desafetos.

Pode-se perceber como esse atravessamento literário participa do processo de construção e estruturação da subjetividade, encontrando outras conexões entre a psicanálise e a literatura. Como nos contos fantásticos, que abordam situações e sentimentos que são profundamente reais, possibilitando que o infante, ao longo do seu desenvolvimento maturacional, consiga estabelecer meios para lidar com medos, ansiedades e conflitos, “seja para vencer a rejeição como em ‘João e Maria’; enfrentar conflitos edípicos como em ‘A Branca de Neve’; ou ainda, para se portar diante da rivalidade entre irmãos como em ‘Cinderela’” (ALVES, 2023).

Na observação e no tratamento dos relatos e casos de histeria e sua semelhança com romances literários, foi estabelecida a importância da linguagem — oral e escrita — instituindo-a como um pilar da psicanálise. E foi a partir do ato da escrita que Freud se descobriu tal como um investigador, um autor inspirado e um mestre (AZEVEDO, 2019).

A partir disso, vê-se nos escritos de Freud uma assimilação entre a conversão histérica e elementos da literatura, como a associação entre mente e corpo, psíquico e orgânico. A exemplo, num recorte do Soneto 23, de Shakespeare (2015), destacamos as possíveis interferências atravessadas pela subjetividade que legitimam as manifestações observadas no campo fisiológico.

[...]

Oh! sejam pois meus livros a eloquência,
 Águres mudos do expressivo peito,
 Que amor implorem, peçam recompensa,
 Mais do que a voz muito mais tem feito.
 Saiba ler o que o mudo amor escreve,
 Que o fino amor ouvir com os olhos deve.

(WILLIAM SHAKESPEARE, 2015, p. 23).

Shakespeare descreve a dificuldade de expressar seu amor, aludindo a um conflito interno entre o desejo e as limitações da linguagem. Na histeria, os sintomas expressam conflitos não resolvidos no inconsciente, que por vezes acabam manifestando-se de maneiras que desafiam não apenas a compreensão do conceito biomédico de saúde, mas também o olhar sobre o ser que é biopsicossocial.

Em suma, usando a literatura, Freud assentou alguns dos principais conceitos psicanalíticos, tal como Édipo Rei, gerador da noção de Complexo de Édipo e Castração; e Mito de Narciso, que são conhecidos nas tragédias gregas (ROUDINESCO, 1999 apud AZEVEDO, 2019).

4. AS PULSÕES NA ESCRITA LITERÁRIA

A teoria das pulsões de Freud (1915), é fundamental para a compreensão e entendimento sobre o que tensiona o aparelho psíquico, instiga o comportamento, os desejos e os conflitos humanos. Ele estabelece que as pulsões são forças inatas do inconsciente e que é a relação sujeito/cultura que possibilita a sua regulação e canalização.

Freud (1915) explorou a relação entre as pulsões e a escrita literária afirmando o papel preponderante das pulsões na criação ao analisar um vínculo entre o que era externalizado nos contos literários e o que era reprimido pelo Eu.

Em seu ensaio "O infamiliar" (1919), por exemplo, aborda questões que fazem emergir muitas vezes sentimentos de estranheza e inquietação nos leitores e argumenta que essas sensações estão ligadas às pulsões humanas, especialmente as que são reprimidas ou recalçadas, transmitindo assim a profundidade para além escrita.

Um texto não é uma superfície plana, mas, antes, é composto por camadas ou placas que se chocam e deslizam uma sobre as outras, amarradas por fios nem sempre visíveis, nem sempre ancorados em terra firme. Tampouco um texto é matéria opaca, impenetrável, que nada absorve do exterior ou que extingue tudo que lhe é estranho. (IANNINI, 2020 apud BOHRER, 2021, p. 15).

Como ponto de reflexão, o conto de fadas "O Barba-Azul", de Charles Perrault (1697) pode ser utilizado, como exemplo, para ilustrar a relação entre pulsões reprimidas e a literatura. No conto, a figura de Barba-Azul esconde segredos em uma sala trancada. Pode-se interpretar essa história, pela ótica freudiana, como uma representação simbólica das pulsões sexuais e agressivas reprimidas na mente humana.

Freud (1930) via a escrita literária como uma maneira de sublimar ou canalizar essas pulsões e estabeleceu que, ao invés de manifestar diretamente atitudes sexuais ou agressivas, os escritores podem incorporar essas pulsões em suas obras de forma simbólica, metafórica ou alegórica.

Sampaio (2023, np) contribui para essa reflexão quando diz que “a poesia é uma escolha de palavras, uma eleição lexical. Nela é necessário escuta da alma, desaceleração interior para eleger, costurar e alicerçar os pensamentos que serão externalizados em palavras”.

Compreende-se que a literatura e o processo de escrita permite às pessoas explorar e externalizar seus desejos e conflitos internos de maneira segura, valorizada e aceita. “A poesia torna as forças inconscientes conscientes e compreensíveis. Ela fornece uma saída para as emoções.” (OWEN HENINGER, 2000 apud SAMPAIO, 2023).

4.1 Sublimação e Literatura

Ao longo do escopo deste artigo, buscamos estabelecer a relação da psicanálise com a literatura e com alguns conceitos psicanalíticos, em destaque nessa seção a sublimação e sua possível identificação nos recortes de obras literárias.

Freud (1915), em “As pulsões e seus destinos”, estabeleceu a sublimação como um dos possíveis destinos da pulsão, onde o inconsciente do sujeito reorienta uma pulsão sexual para um destino/objeto dessexualizado, diferente do original, e que, ao invés de ser expresso de forma destrutiva, é canalizado para atividades criativas, intelectuais ou artísticas.

Na representação artística, Freud (1908, apud BOHRER, 2021), diz que a criação literária é uma formação substitutiva do brincar infantil que, agora, no poeta adulto, é tido como o fantasiar. Tanto o brincar, quanto o fantasiar, ocorrem a partir do desejo de expressão.

Ela também observa, que a criação literária é formada “por interdições vivenciadas, endereçamentos latentes e a partir de relações de negação de certos conteúdos inconscientes” (BOHRER, 2021, p. 31), o que nos leva à sublimação como destino pulsional em forma de expressão.

Apresentamos a seguir, trechos de obras literárias que podem ilustrar possíveis relações entre a literatura e os processos de sublimação, permitindo não só a canalização dos desejos inconscientes, mas a expressão do vazio pela letra, pela palavra e pelo ato da escrita.

Na compreensão da descrição da personagem de nome desconhecido criado por Lispector (2016) no conto “O delírio”, é possível supor que ela escreve para significar sua existência e seus afetos, buscando compreensão da sua própria realidade, onde tudo pode ser fonte de significado e de inspiração.

Ele para, de súbito pensativo. E principalmente se ela soubesse que esforço lhe custava escrever.... Quando começava, todas as suas fibras eriçavam-se irritadas e magníficas. E enquanto não cobria o papel com suas letras nervosas enquanto não sentia que elas eram o seu prolongamento, não cessava esgotando-se até o fim... (LISPECTOR, 2016, p. 52).

A escrita, como possível processo sublimatório, permite que o sujeito registre, represente e ressignifique o que, na fala, lhe falta, portanto, apontando para o vazio. Lacan (1997, p. 162) diz que “toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno do vazio”, aqui isso ocorre através da letra, do signo, de significados e de significantes.

Para Lacan (1988, apud RODRIGUES et al, 2021), a palavra pode dar sentido e nome ao que, por algum motivo, não foi simbolizado ou nomeado. Conforme os autores apresentam, aquele que escreve pode refugiar-se na escrita, sem consciência disso, sentindo apenas necessidade de expressar-se através dela.

Para Evaristo (2016, p. 99), em seu livro “Olhos d’água”, “escrever é uma maneira de sangrar”. A autora transmite a ideia da escrita como um ato profundo, tal qual uma ferida aberta, expondo suas vulnerabilidades e experiências, e que apesar de dolorosa, é sincera. Então, se pela inscrição do Outro o sujeito adocece, pela escrita ele poderia se curar ao falar (sangrar) o que na realidade, muitas vezes lhe é barrado.

Por outro lado, citamos o trecho de Rezende (2021, p. 33) de sua obra “Doeu”, em que a autora se angustia na necessidade de nomear o que não se sabe, e busca dar sentido a algo que lhe afeta e atravessa. “Eu queria poder saber o que escrever, ou escrever algo com sentido. Não sei, mas é uma estranha necessidade de bater os dedos contra as teclas, para que eu possa parar de tremer um pouco, para que eu possa não rasgar outra vez”. A autora, na ação de bater os dedos nas teclas, cria uma distração como se estivesse canalizando sua inquietação, junto da busca intensa para encontrar as palavras que possam dar sentido ao que lhe ocorre de maneira construtiva ao invés de auto-destrutiva.

Logo, se para Evaristo (2016), o sangrar da escrita é o que traz sentido, para Rezende (2021), é este mesmo ato que lhe impede de sangrar. É também pela palavra escrita que tabus podem ser simbolizados e que a complexidade humana pode ser escancarada de forma complexa e envolvente, sem a moralidade excruciante, tal como mostra o poema “Sem anestesia, por favor” do livro “Doeu”:

Às vezes, os versos
São tudo que tenho
Quando já não me tenho

Quando nada mais é possível
Quando nada mais é permitido
Eles se fazem luz, a única luz

[...]
Não me censuram
Não me calam
Me salvam

[...]
E aqui, posso gritar minha dor

[...]

(REZENDE, 2021, p. 51-52).

Assim como no processo analítico, na literatura o homem é consumido pelas próprias palavras, pode por elas morrer, como por causa delas, pode continuar a existir — como Rezende que, ao gritar a sua dor na escrita, não morre, mas se salva, registrando-se viva.

É curioso perceber como autores de diferentes épocas e contextos, não só abordam temas semelhantes como dialogam de certa forma sobre questões profundas da existência humana. Tal como Rezende (2021), Lispector (2015) em “Um sopro de vida”, nos coloca à mercê de sua própria salvação pelo ato da escrita ao dizer: “Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz” (LISPECTOR, 2015, p. 7).

Portanto, as autoras nos levam a refletir que é pela palavra que se luta contra a morte, o que curiosamente, nos leva a fazer uma analogia disso ao resultado da disputa entre Eros e Thanatos, estabelecendo assim a própria estrutura da sublimação como supracitado na seção anterior: uma luta constante para responder vitalmente às experiências que lhe atravessam.

Freud (1893-1895) diz que os sintomas surgem da falta de elaboração consciente, levando à inervação corporal (conversão), a cura então é obtida pela liberação das descargas pulsionais. Pode-se inclusive pensar em como o processo sublimatório aqui articulado com o ato de escrita, busca exprimir o efeito de uma ab-reação, possibilitando que aquele que escreve,

ou que lê, encontre um caminho mesmo que inconsciente de descarga pulsional, minimizando, inclusive, efeitos patogênicos, que podem ser pensados nos casos de histeria.

Há trechos em que os autores estabelecem uma relação tão profunda com sua escrita, que a expressão de conflitos internos e emoções reprimidas, quase salta para fora das páginas. É talvez, um processo conversivo que, ao invés de ser redirecionado ao próprio Eu e, portanto, ao corpo, se materializa letra a letra, como se ali, o que outrora pudesse ser somatização, se tornasse uma inervação literária.

Na utilização de suas estrofes em “Poemas Presos”, do Livro “Pensamento chão”, Mosé (2007, np) nos apresenta sua visão sobre a nocividade da palavra quando interdita.

A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos.
Abscessos, tumores, nódulos, pedras são palavras calcificadas,
Poemas sem vazão.

Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado.
Prisão de ventre poderia um dia ter sido poema.
Mas não.

Pessoas às vezes adoecem da razão
De gostar de palavra presa.
Palavra boa é palavra líquida
Escorrendo em estado de lágrima

[...]

(MOSE, 2007, np).

A escrita como ação impelida pelas pulsões, permite ao sujeito narrar de forma consciente ou inconsciente as diferentes dimensões de seus desejos, que ao invés de serem recalçados — suspendendo o gozo —, o enfrentam através da sublimação criacionista. (LACAN 1959-1960, apud BORGES, 2015).

4.2 Gozo e Literatura

A concepção de gozo é um entrelaço de vários conceitos introduzidos em Freud: o princípio do prazer, as pulsões de morte e de vida, o masoquismo e o Supereu. Posteriormente, Lacan se aprofundou e desenvolveu a ideia de que há padrões desprazerosos onde os sujeitos se fixam inconscientemente, repetindo dores e flagelos sem entender o porquê de retornar àquela mesma cena em que sofre. Isso é o gozo.

As experiências vividas deixam marcas, traços gravados no próprio corpo, o que é diferente de uma simples percepção. Estamos falando de sinais que depois de

impressos no corpo são traduzidos em signos, como em uma escrita. Dessa forma, vemos que a cifragem do gozo a que nos referimos é constituída a partir de traços mnêmicos do aparelho psíquico (VALAS, 2001, p. 59).

O sujeito “goza” do sintoma, ou seja, faz uso deste, sem se dar conta de como externaliza suas tensões psíquicas, repetitivamente e a qualquer custo. O sintoma comporta o gozo de forma encoberta. Ele é um significante, um representante da representação inconsciente (MANSO e CALDAS, 2013).

Na seção anterior, apresentamos a possível relação da escrita com o processo de sublimação na expressão, apresentação e representação de materiais impossíveis, falhos e faltosos, advindos do vazio. Ao pesquisar a relação da via literária com o conceito de gozo, deparamo-nos com uma afirmação um tanto instigante de Lacan (1959-1960, apud BORGES, 2015, p. 149): “a sublimação é gozo sexual”.

Nesse contexto, buscamos articular a relação que ocorre entre esses conceitos (sublimação e gozo) que, apesar de serem distintos, partilham de uma intersecção e podem ser lidas como uma forma de externalizar, reduzir, amenizar, e/ou mitigar o sintoma através da inervação literária.

Lacan (1972-1973, apud MANSO e CALDAS, 2013) nos diz que o significante (o sintoma) é causa de gozo, é nesse ponto que, na estrutura lacaniana, a letra surge no significante (como forma de comunicar o que o sintoma quer dizer). O sintoma, não deixa de servir o dizer, se expressa pela conversão e pode ser elevado à dignidade da letra. Nessa articulação, afirma que o significante dá forma à escrita.

Segundo Rabelais (2012), a inscrição do sujeito na linguagem representa, por si só, a interdição do gozo, já que a fala não consegue exprimir, em totalidade, aquilo que se deseja. Essas interdições (a Lei, os limites e barreiras morais, por exemplo) é que tornam o gozo possível, porém parcial e obtido através de uma transgressão. O trecho de Evaristo (2005) pode ser analisado sob essa lógica:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Silva (2019) elucida ainda mais essa possibilidade, que se dá pelo movimento da escrita, ao apresentar que a literatura transforma o discurso do sujeito e de incontáveis artistas em ideias

e materiais que estão para além do pensamento lógico ou das ideias pré-concebidas, os quais se fazem necessário ouvir “de corpo inteiro”, pois ali está expresso o enigmático, o impossível, o gozo que não se pode dizer, mas que “não cessa de não se escrever” (LACAN, 1985, p. 127), que não cessa de tentar manifestar-se.

Pode-se pensar que a literatura preenche temporariamente uma falta e nomeia o que não pode ser dito. Sim, ela o faz, mas ela não é apenas isso, porque a própria letra, a fala e a linguagem, também são faltosas e advêm do vazio. A escrita expõe aquilo que os códigos — a letra, a fala, a linguagem — tentam esconder e/ou não conseguem dizer. Ela é enigmática. Não é apenas aquilo que ali está enquadrado. Tanto quanto nos mostra Lispector (2015) em “Um sopro de vida”:

Existe por acaso um número que não é nada? que é menos que zero? que começa no que nunca começou porque sempre era? e era antes de sempre? Ligo-me a esta ausência vital e rejuvenesço-me todo, ao mesmo tempo contido e total. Redondo sem início e sem fim, eu sou o ponto antes do zero e do ponto final. Do zero ao infinito vou caminhando sem parar. Mas ao mesmo tempo tudo é tão fugaz. Eu sempre fui e imediatamente não era mais. O dia corre lá fora à toa e há abismos de silêncio em mim. A sombra de minha alma é o corpo. O corpo é a sombra de minha alma. Este livro é a sombra de mim (LISPECTOR, 2015, p.7).

Em concordância com o que se abrange neste artigo, Lispector (2015) parece usar a escrita para desabafar, sentir e externalizar angústias, sofrimentos, perdas e encontros, amores e ilusões, para dizer muito mais do que diz em suas linhas e entrelinhas. Em seus escritos, ao mesmo tempo em que, repetitivamente, vísceras saltam, — ora dolorosamente, ora de forma epifânica —, associações livres parecem palpáveis não apenas para a autora, mas para aqueles que a leem, deixando marcas e inscrições nos seus escritos.

Tudo isso, que muitas vezes não se vê de imediato, esse valor simbólico oculto, o enigma, nos remete às formações inconscientes que Freud (1983-1985) citou, nos fazendo questionar se pode ser entendido como uma transgressão que possibilita o gozo. Esse, que parece encontrar-se não só no enigma ou em sua resolução, mas no rébus contido na eleição lexical, no rascunho do não-dito e no representante representado.

No escrito literário “Alegria na tristeza” de Martha Medeiros (2019), é possível inferir a construção do simbólico ao expressar suas observações entre o fazer e o sentir:

[...] qualquer sentimento é bem-vindo, mesmo que não seja uma euforia, um gozo, um entusiasmo, mesmo que seja uma melancolia. [...] Sentir é um verbo que se conjuga para dentro, ao contrário do fazer, que é conjugado para fora. Sentir alimenta, sentir ensina, sentir aquieta. Fazer é muito barulhento. Sentir é um retiro, fazer é uma festa. O sentir não pode ser escutado, apenas auscultado. Sentir e fazer, ambos são

necessários, mas só o fazer rende grana, contatos, diplomas, convites, aquisições. Até parece que sentir não serve para subir na vida. [...] Tristeza parece praga, lepra, doença contagiosa, um estacionamento proibido. Ok, tristeza não faz realmente bem pra saúde, mas a introspecção é um recuo providencial, pois é quando silenciemos que melhor conversamos com nossos botões. E dessa conversa sai luz, lições, sinais, e a tristeza acaba saindo também, dando espaço para uma alegria nova e revitalizada. Triste é não sentir nada (MEDEIROS, 2019, np).

Medeiros (2019) diz que vale a pena sentir tudo, mesmo que seja melancólico. Rezende (2021), no poema “Sinto”, de sua obra “Doeu”, diz de seu sentir muito, demonstrando estar sã e consciente do lugar que ocupa enquanto sujeito atravessado e afetado pela linguagem ao ser, nascer e renascer. E, tudo isso, só é possível através do sentir, o que dialoga com sua importância para Medeiros (2019) em seu trecho anteriormente citado.

Sou sujeito de linguagem e equívocos
Acabo dizendo muito mais do que acho que digo
E, ao responder, me torno, me faço, nasço e renasço

Lido com meu silêncio e verborragia
Crio e refaço minha biografia
Silêncio e urro para (não) dizer
O que sou, o que sinto, o que quero fazer

Lido com minhas dores, meus versos e amores
Lido com meus verbos, com meus medos e rancores
Escrevo o que sinto, o que sonho, o que imagino e fantasio
Vivencio apenas a grande imensidão do meu sentir

Porque eu sinto, sim, eu sinto
Eu sinto, eu sinto muito

(REZENDE, 2021, p. 181).

Nesse arquétipo literário onde ambas as autoras, que são de diferentes épocas, expressam a importância e o impacto do sentir, pode-se pensar no que Sampaio (2023), disse sobre a eleição lexical presente no escrever. Nesse ponto, as autoras podem eleger o que será incluído no texto, quais palavras usar e como organizá-las, mas não podem ocultar as nuances, falhas, vazios, furos, enigmas e mistérios que permeiam as entrelinhas, seja de si mesmas ou dos leitores, que podem desvendar as esfinges se ouvirem de “corpo inteiro” — e que se permitem deparar com isso —, o dito e o não dito.

Isso nos faz pensar na proposta de Lacan (1971), de destacar o escrito para além do que está enquadrado e que pode dizer de uma mudança de configuração naquilo que é enunciado ou velado pelo autor.

A escrita literária pode nos cativar pela sua construção peculiar, em que sua assinatura é marcada pela letra do autor. Aqui vista pela ótica da psicanálise, podemos aludir a essa marca

que é única à própria subjetividade daquele que escreve, ultrapassando e transcendendo a linearidade discursiva das normas linguísticas. A letra se escreve no entre. Ela se assemelha a uma costa litorânea, não se detém aos limites estabelecidos, mas flui em uma harmonia entre o oceano vasto e a areia receptiva (SILVA, 2019).

Assim nos colocamos a refletir e até mesmo a questionar como é possível perceber os recortes literários pela ótica psicanalítica. As autoras aqui supracitadas (Evaristo, Lispector, Medeiros, Mosé e Rezende), em seus processos de escrita, sublimam uma tensão psíquica, mas que deixa um resto, um vazio, um gozo, uma incompletude que não cessa de se repetir, às vezes, compulsivamente pela via da própria escrita para livrar-se da angústia mortífera.

Ao apresentarem seus rabiscos e rasuras, constroem palavras que se apegam em uma escrita marcada de enunciação, que atravessa o significado primeiro da coisa, dando novos sentidos ao real e ao ideal. Não é isso que o gozo faz? Ou talvez a sublimação? Se expressar no furo, no vazio simbólico, mas por meio de algo aceitável para o Eu? Ou aceitável para o outro?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os recortes literários escolhidos para a construção do artigo; a identificação com e dos autores; os próprios conceitos psicanalíticos; a limitação de laudas; tempo e espaço; e sabendo das incontáveis possibilidades de estudos e análises entre a linguagem, literatura e psicanálise, o presente material põe-se a fomentar uma discussão teórica, sem pretensão de esgotar essa temática tão fértil e substancial.

Diante do que foi construído e apresentado, compreendeu-se que o autor imerso, inconscientemente, em realocar criativamente uma pulsão destrutiva e mortífera, pode aprofundar-se no desejo de dar voz aos seus pensamentos e emoções por meio da escrita, que promove uma saída mascarada e possível para o sujeito. No entanto, paralelamente, ao escrever, pode-se expor e com isso, surgir um medo de (seu vazio) ser lido pelo outro. Na ótica psicanalítica, esse olhar se assemelha ao espelho que reflete não só as palavras, mas as sombras e os cantos mais escuros da mente e do Eu daquele que escreve.

Há um processo, um desejo de expressão e, ao mesmo tempo, o temor da exposição. A escrita pode manifestar-se como autodescoberta, vulnerabilidade, fortalecimento e, na verdade, como algo inefável, afinal, é um significante daquele que escreve e lê.

Assim, como Lispector (2015) ao nos dizer em sua obra “Um sopro de vida”:

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo (Lispector, 2015, p. 8).

A escrita não é apenas o que se apresenta em suas linhas. O sonho não é apenas o que se apresenta no quadro, ele é o que está por trás, o furo que não pode ser facilmente lido. Bem como o sintoma, os chistes e atos falhos. Todos dizem de um furo, um vazio cheio de muitas coisas passíveis de leitura, vazios que transbordam o não-dito.

Num trecho da obra “Quarentena poética: palavras que vacinam!”, Rezende (2021) nos oferece uma abordagem concisa e profundamente expressiva, ao escrever seu transbordante sentir e narrar.

Poesias breves
Versos curtos
Mas cheios, lotados
Lotados do meu sentir
Transbordante

(REZENDE, 2021, p. 85).

A escrita pode desempenhar o papel de uma linha costeira que contorna o gozo. Para o autor, a escrita desempenha um papel vital, uma necessidade intrínseca, um sopro de vida e até de morte quando necessário. “Quando não escrevo, estou morta. Escrevo simplesmente. Como quem vive. Por isso, todas as vezes que fui tentada a deixar de escrever, não consegui. Não tenho vocação para o suicídio.” (LISPECTOR, 1977, np).

Assim, emerge mais uma vez a proposta inicial que deu origem a essa discussão, e que se pretende ampliar e explorar em futuros ensaios, dissertações ou publicações. Ao reagir de forma vital às experiências que o atravessam, através da expressão pela via da escrita literária, o sujeito encontra sublimação ou gozo? Podemos inferir que essa resposta depende exclusivamente da experiência subjetiva de cada indivíduo. Se fruto da pulsão, sublimação. Se fruto do desejo, gozo. Então, talvez seja possível encontrar os dois.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFANASEV, Aleksandr *et al.* **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ALVES, Igor. **Psicanálise e Literatura: relações e autores**. Psicanálise Clínica, [2023]. Acesso: 05 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.psicanaliseclinica.com/psicanalise-e-literatura/>>.

AZEVEDO, Maria José Martins de. Psicanálise e criação literária. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, v. 39, n. 2, p. 75-79, Lisboa, 2019. Acesso: 03 out. 2023. Disponível em: <<https://rpppsicanalise.org/index.php/rpp/issue/view/1/1>>.

BOHRER, Hallana Höher. **Sob pulsões e escrita: um ensaio**, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSMRS). Monografia (Bacharelado em Psicologia), Santa Maria, 2021. Acesso: 04 nov. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/23928/Bohrer_Hallana_H%c3%b6her_2021_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

BORGES, Sonia. **Sublimação, criação *ex nihilo* e pulsão de morte**. In O caldeirão da feiticeira: a metapsicologia de Freud, um século depois. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

CHARCZUK, Artur. **Artista, arte e psicanálise: entendendo as relações**. Psicanálise Clínica, [2023]. Acesso: 09 ago. 2023. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/artista-arte-e-psicanalise/>.

COSTA, André Oliveira. De palavras e inconsciente: a função da linguagem na origem da psicanálise. **Tempo Psicanalítico**, v. 47, n. 2, p. 69-89, Rio de Janeiro: 2015. Acesso: 07 out. 2023. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v47n2/v47n2a05.pdf>>.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia, 2005.

_____, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. 3ª reimpr. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREUD, Sigmund. (1891). **Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico**. Tradução Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____, Sigmund. (1893-1895). **Estudos sobre a histeria**. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, Sigmund. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____, Sigmund. (1915). **Artigos sobre a metapsicologia. O inconsciente**. In S. Freud, Obras completas. Tradução de Paulo César Lima de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____, Sigmund. (1915). **As pulsões e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

_____, Sigmund. (1919). **O Infamiliar**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____, Sigmund. (1920-1922). **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Tradução de James Strachey. 1ª ed. Imago, 1996.

_____, Sigmund. (1923). **O Ego e o Id**. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica e Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, Sigmund. (1920-1923). **"Psicanálise" e "teoria da libido" (dois verbetes para um dicionário de sexologia)** In Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____, Sigmund. (1930). **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. Acesso: 09 out. 2023. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Sobre_a_concepcao_das_afasias.pdf>.

_____, Jacques. (1966). **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1959-1960). **O Seminário 7, A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____, Jacques. (1961-1962). **O Seminário 9, A identificação**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____, Jacques. (1964). **O seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

_____, Jacques. (1971). **O Seminário 18, De um discurso que não seja do semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____, Jacques. (1975). **O Seminário 20, Mais ainda**. Tradução de Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LISPECTOR, Clarice. Panorama especial. **TV Cultura [online]**, 1977. Acesso: 15 nov. 2023. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/5101_panorama-com-clarice-lispector.html>.

_____, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. 9ª ed. Nova Fronteira, 1980.

_____, Clarice. **Um Sopro de Vida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

_____, Clarice. **Todos os contos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016.

LUCERO, Ariana; VORCARO, Ângela. Das Ding e o outro na constituição psíquica. **Estilos clin.** São Paulo, v. 14, n. 27, p. 230-251, 2009. Acesso: 06 nov. 2023. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282009000200014&lng=pt&nrm=iso>.

MANSO, Rita; CALDAS, Heloisa. Escrita no corpo: gozo e laço social. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**, v. 16, n. especial, p. 109-126. abr. 2013. Acesso: 28 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/9j6MbmQQf65Nm7JCdLgPQVr/#>>.

MARTINS, Geraldo Magela. Freud e Borges: A escrita do Sonho. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados. **Raído**, v. 3, n. 5, p. 29-38. jan/jun. 2009. Acesso: 23 out. 2023. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/160/218>>.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986. Acesso: 10 out. 2023. Disponível em: <<https://clinicapsicanalitica.com.br/wp-content/uploads/2022/04/Freud-Corresponde%CC%82ncia-Completa-com-Fliess.pdf>>.

MAY, Alberto Philippi. Psicanálise E Linguagem. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 259-266, nov. 2011. ISSN 1981-9943. Acesso: 10 out. 2023. Disponível em: <<https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/2742>>.

MEDEIROS, Martha. **A Alegria na Tristeza**. ATF Minas, [2019]. Acesso em: 09 nov. 2023. Disponível em: <<https://atfminas.com.br/a-alegria-na-tristeza/>>.

MOSÉ, Viviane. **Pensamento chão**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PERRAULT, Charles (1697). **Barba Azul**. In ANDERSEN, Hans Cristian et al. Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Apresentação de Ana Maria Machado, tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

RABELAIS, Giselle Wendling. **A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino**, do curso de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, 2012. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2012. Acesso: 26 out. de 2023. Disponível em: <http://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2012_6c4081539d8ff0796a1026fb33db45b3.pdf>.

REIS, Aruane Amorim *et al.* **Quarentena poética: palavras que vacinam!** Bom Despacho: Literatura em Cena, 2021 (edição limitada).

REZENDE, Nathália. **Doeu**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

RODRIGUES, Jhucyane Pires *et al.* Intersecção entre literatura e psicanálise: uma abordagem do conto “O delírio” de Clarice Lispector. **Revista A Margem**, Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes. Uberlândia, v. 18, n.2, 2021. Acesso: 02 out. 2023. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/amargem/article/view/61421>>.

SAMPAIO, Raissa Lopes Domingos. **Escrita Terapêutica: a escrita catártica de Clarice Lispector**. Psicanálise Clínica, [2023]. Acesso: 08 ago. 2023. Disponível em: <<https://www.psicanaliseclinica.com/escrita-terapeutica/>>.

SHAKESPEARE, William. **50 Sonetos William Shakespeare - Coleção 50 anos**. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2015.

SILVA, Eva Maria Lins. A palavra acrobata: a escrita de Clarice Lispector como letra que faz litoral. **Let. Ideias**, João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 189-198, jul./dez. 2019. Acesso: 18 out. 2023. Disponível: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/49416/31781>>.

SIMANKE, Richard Theisen. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em Sobre a concepção das afasias (1891) de Freud. **Discurso**, [S. l.], n. 36, p. 55-94, 2007. Acesso: 9 out. 2023. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38073>>.

VALAS, Patrick. **As dimensões do Gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Título do trabalho: LINGUAGEM, SUBLIMAÇÃO E GOZO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA ACERCA DE RECORTES DE OBRAS LITERÁRIAS.

Docente Orientador: Alexandre Rocha Araújo

Docente avaliador: Camila Fardin Grasseli

Estudantes: Madson Alexandre Alves da Silva; Nathália Luiza Sales Parreiras de Rezende; Selena Gomes Pena Leal.

Orientador: 60 pontos

Professor avaliador: 40 pontos

Avaliação do processo de supervisão- 20 pontos da orientadora/avaliação individual

Categoria/Valor	Notas/ orientador
Presença nas orientações: 5 pontos	5
Participação nas orientações: 5 pontos	5
Cumprimento das orientações: 5 pontos	5
Investimento: 5 pontos	5

Trabalho escrito: 20 pontos

Categoria/Valor	Orientador	Professora avaliador
Conteúdo: 4 pontos	4	4
Normas ABNT: 4 pontos	4	4
Sequência do trabalho (começo, meio e fim): 4 pontos	4	4
Reflexão crítica: 4 pontos	4	4
Qualidade linguagem: 4 pontos	4	4

Apresentação oral: 20 pontos

Categoria/Valor	Orientador	Professora avaliador
Material gráfico: 4 pontos	4	4
Exposição do conteúdo: 10 pontos	10	10
Tempo: 2 pontos	2	2
Domínio resposta: 2 pontos	2	2
Comportamento diante dos questionamentos da banca: 2 pontos	2	2

Nota total: 100 (cem) pontos

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 07 dias do mês de dezembro, do ano de dois mil e vinte e três, realizou-se a banca de defesa do Trabalho de Conclusão do Curso Psicologia do Centro Universitário UNA – Campus Betim, dos/as estudantes: **Madson Alexandre Alves da Silva; Nathália Luiza Sales Parreiras de Rezende; Selena Gomes Pena Leal**, com o título: **LINGUAGEM, SUBLIMAÇÃO E GOZO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA ACERCA DE RECORTES DE OBRAS LITERÁRIAS.**

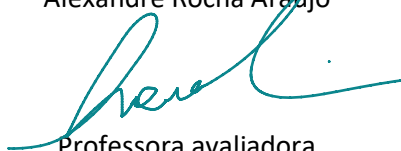
A Comissão Examinadora foi constituída pelo professor orientador **ALEXANDRE ROCHA ARAÚJO** e a docente convidada **CAMILA FARDIN GRASSELLI**. Após apresentação oral dos/as autores/as, seguiu-se às arguições dos docentes. Terminada as exposições orais, a comissão, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento. A comissão considerou o trabalho **APROVADO**.

A banca, considerando que o trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido de forma adequada, não sugere modificações obrigatórias.

Betim, 07 de dezembro de 2023.



Professor orientador
Alexandre Rocha Araújo



Professora avaliadora
Camila Fardin Grasseli